

Artista-burocrata

Lucas Rossi Gervilla¹

Patrícia Lobo Ferraz de Andrade²

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo apresentar uma nova categoria de trabalho nas artes, a qual os autores chamam de artista-burocrata. São apresentadas novas obrigações no processo artístico contemporâneo desse novo tipo de artista. No que diz respeito à metodologia, são brevemente levantadas algumas características, editais e mecanismos de financiamento criados durante a pandemia, e como artistas-burocratas tiveram que adaptar-se a elas. São mencionadas as principais habilidades necessárias nessa categoria e, por fim, especula-se sobre possíveis desdobramentos futuros dessa nova profissão em um cenário pós-pandêmico.

Palavras Chave: Arte; artista-burocrata; burocracia; mercado de arte.

Abstract

This essay aims to present a new working category in the arts, which the authors call as artist-bureaucrat. New obligations in contemporary artistic process of this new kind of artist are presented. Regarding the methodology, some characteristics are briefly raised about public financing mechanisms created during the pandemic and how bureaucratic artists had to adapt to them. The main skills needed in this occupation are mentioned and, finally, the authors speculate about possible future developments of this new profession in a post-pandemic scenario..

Keywords: Art; artist-bureaucrat; art market; bureaucracy.

1

Artista Visual e cineasta. Doutorando (Bolsa Capes) e mestre pelo Instituto de Artes da UNESP e bacharel em Comunicação e Múltiplos pela PUC-SP. lucas.gervilla@unesp.br

2

Artista Visual, cineasta e pesquisadora. Graduada em Comunicação Social e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes pela UNESP. Lançou seu primeiro longa-metragem intitulado de 'O Palhaço, Deserto' no *Marché Du Film*, Festival de Cannes 2021. patricia.lobo@unesp.br



*"O artista era um fazedor de objetos;
hoje, é um facilitador, educador e burocrata."
Miwon Kwon, 2002.*

Fetichismo ou burocracia?

As artes estão em constante transformação. A ideia do artista que trabalha em um grande e iluminado ateliê parece pertencer a um passado cada vez mais distante. Já estão praticamente extintos cenários como um galpão com o pé-direito alto numa zona rural da França ou antigo prédio industrial em Nova Iorque, ambos cheios de cavaletes com telas em processo e bancadas onde pincéis dividem espaço com o café da manhã. A visão romântica do artista que está sempre trabalhando inspirado virou um estereótipo de séries *sitcom*.

Não basta apenas idealizar e realizar a obra, o artista tem que criar meios e contatos para viabilizar sua produção, exibição e incorporação ao mercado da arte. A partir do momento em que a arte é considerada uma mercadoria, ela passa a ser precificada, iniciando uma complexa relação entre o "regime de consumo e a arte", como aponta Anne Cauquelin (2005).

Na constante busca de intermediários entre os espaços criativo e apresentativo, há um vazio que precisa ser trilhado. Alguns artistas conseguem reconhecer esse caminho, outra parcela não. Alguns, na necessidade de ter uma obra apresentada ao público final, aprendem a desenvolver o próprio caminho e, o olhar tão cobrado pelo mercado, ou proposto pelo sistema econômico capitalista no qual vivemos cobra absurdamente o despertar do ser empreendedor que não há dentro de cada artista.

Empreender na própria arte é uma tarefa exaustiva para os artistas que se veem obrigados a saber determinadas funções caracterizadas como burocracias. Ao observar que isto deve-se ao período do século XIX, que é percebido com a chegada da burguesia ao poder, quando a arte torna-se "artigo de luxo", convertendo-se em uma mercadoria que apenas poucas pessoas poderiam ter acesso. Anteriormente, boa parte da arte produzida era encomendada por autoridades de cunho religioso ou pela nobreza. Entretanto, nesse período, a arte deixou de ser um sentimento, uma verdade expressada por um indivíduo na função existencial de artista.



Tal pensamento, apesar de parecer obsoleto, ainda tem seus resquícios na função nomeada neste ensaio de "Artista-Burocrata".

O capital pauta o *modus operandi* da categoria e sua criação: a busca incessante para adquirir o tão desejado financiamento para materializar a realização e comercialização da obra. Isto não quer dizer que os trabalhos artísticos são analisados sob perspectiva subjetiva e técnica do que é bom ou ruim em relação à feitura da obra. Gostar ou não gostar. Para isso, bastam os críticos e até mesmo os colunistas. Há mais colunistas do que críticos de arte nos meios de comunicação. Muitas notas jornalísticas e poucas críticas profundas.

Em nossos dias há ainda uma nova figura nesse jogo: o influenciador digital. Não é necessário ter formação para ser um influenciador, basta ter um vasto número de seguidores. O influenciador passa a ser um curador do mundo digital, usando suas redes sociais para divulgar a arte que ele ou ela consideram como "boa". O número de curtidas e compartilhamentos passa a aferir o valor da obra.

Envolto por esse cenário, o artista-burocrata vê seu tempo dedicado a intermináveis tarefas, e o fazer artístico é apenas uma delas e, talvez, à qual ele dedique menos horas. Seu ateliê é a própria burocracia.

A burocracia pandêmica

Com a pandemia do Covid-19, a classe artística se viu empurrada para uma situação ainda mais complicada: como continuar produzindo em meio ao isolamento social? Como expor? Como ser remunerado pelo trabalho? Evidentemente, não estamos falando de artistas milionários, como cantores que fazem lives patrocinadas por cervejarias multinacionais ou herdeiros de grandes fortunas *quatrocentonas*.

No Brasil, em meio a todo esse caos, começaram a surgir diversos editais - tanto da iniciativa privada quanto de instituições públicas - para fomentar a arte e evitar uma iminente falência do setor.

O Banco Itaú foi um dos primeiros mecenas pandêmicos, criando uma série de editais intitulada Arte Como Respiro, nas categorias de artes visuais, audiovisual, literatura, música, artes cênicas e poesia surda. Cada selecionado iria receber a quantia de 3 mil reais para ceder os direitos de uma obra para a



instituição. Em cada um dos editais, o valor disponibilizado foi em torno dos 600 mil reais, uma verdadeira quirela para um banco que tem seu lucro anual na casa de dezenas de bilhões de reais. A imposição de temas específicos para os trabalhos e a seleção de artistas consagrados fez com que a comissão organizadora tivesse que dar explicações públicas sobre suas decisões.

Na sequência, a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) lançou os editais Arte em Toda Parte e RespirArte, ambos com valores próximos ao do Itaú e com um número ainda menor de selecionados. Em muitas das categorias dos programas mencionados até agora, as obras deveriam ser inscritas no formato de vídeo, para facilitar sua veiculação na internet. Mas, e os artistas que não são familiarizados com essa linguagem? Novamente, o artista-burocrata adquiriu uma nova habilidade: produtor e editor de vídeos, passando também a ser videomaker.

Além disso, surgiram novas demandas para os artistas, como produzir versões digitais em 3D de seus trabalhos, além de criarem visitas virtuais. O burocrata da arte agora é programador, designer e aprendeu a mapear ambientes com fotos 360°. Artistas educadores se viram obrigados a produzir videoaulas. Multimeios. Tudo integrado, sem uma noção definida de tempo e espaço.

No final de junho de 2020 foi sancionada a Lei Adir Blanc³, através da qual o governo federal repassou, em uma única parcela, 3 bilhões de reais do Fundo Nacional de Cultura para os estados e municípios em ações emergenciais de apoio ao setor cultural. A lei foi dividida em três eixos: I - renda emergencial mensal aos trabalhadores e trabalhadoras da cultura; II - subsídio mensal para manutenção de espaços artísticos e culturais; III - editais, chamadas públicas, prêmios, aquisição de bens e serviços vinculados ao setor cultural. Novamente o artista-burocrata se viu desafiado. Para participar do eixo I, ele não poderia ter sido beneficiado pelo auxílio emergencial nacional (criado meses antes); No caso do eixo II, exigia-se obrigatoriamente o registro como Pessoa Jurídica, com uma razão social ligada à cultura. Por sua vez, no eixo III (editais), a inscrição não significa a aprovação, e um número alto de pessoas que iria competir por uma quantia limitada de prêmios, valores abaixo do mercado. O Mercado, esse ser invisível que está sempre se manifestando na vida do artista-burocrata, tem sido cada vez mais presente durante a pandemia, afetando diretamente os processos criativos. O artista-burocrata faz tudo, menos arte.

3

O filme pode ser visto no Youtube, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gyfh9t8JAuo>. Acesso em 25 mai 2021.



Novas atribuições do artista-burocrata:

Nesse cenário de burocracia atrelada à arte, novas atribuições são impostas ao trabalho do artista: Trabalhar com planilha do Microsoft Excel, saber montar tabelas e orçamentos para incluir nos seus projetos; ter noções avançadas de administração de empresas, saber emitir nota fiscal eletrônica, Documento de Arrecadação de Receitas Federais (DARF), Recibo de Pagamento Autônomo (RPA), certidões negativas de todos os tipos; fazer declaração de imposto de renda (Pessoas Físicas e Jurídicas).

Além disso, dominar o pacote Adobe: Photoshop, Premiere, InDesign, Illustrator, Acrobat Pro; seja para a sua produção ou para montar seu portfólio; ter instalado em seu computador quase todos os *plugins* do *WordPress*. Para cada projeto, o artista precisa de uma conta diferente no Instagram e TikTok, e saber qual tipo de postagem gera mais engajamento.

Ainda como parte dessas novas atribuições, o artista precisa estar completamente familiarizado com o sistema de editais na área de cultura (eventualmente, também na área de esportes e outros correlatos), de todas as esferas: municipal, estadual e federal. Depois de mais de uma década se inscrevendo nesse tipo de programa, o artista-burocrata aprendeu a fazer orçamentos detalhados e sabe como funcionam os métodos de pagamento de cada uma das instituições.

Quando o artista-burocrata está inserido do mesmo modo na academia, ele passa a conhecer todas as categorias do Currículo Lattes, *Orcid* e *Research Gate*. Sabe diferenciar os principais tipos de citação bibliográfica: ABNT, Chicago e Hannover. Sempre que consegue criar uma nova obra, procura escrever um artigo sobre ela. Assim, pode aumentar seu prestígio acadêmico e pontuar ainda mais no seu Lattes.

Considerações Finais

Arte e burocracia andam hoje de mãos dadas em uma relação que parece ser indissociável. Com o ambiente pandêmico essa aliança foi ainda mais fortalecida, tornando-se a única forma de sobrevivência para milhares de artistas em todo o Brasil. É difícil prever qual será o futuro desse par em um mundo pós-pandêmico, mas o que podemos afirmar com certeza é



que uma retomada da economia artística não está nos planos do governo brasileiro.

Será que as exposições com visitas virtuais através da tela do celular irão continuar existindo? Se sim, estamos diante de mais um acúmulo de funções para artistas-burocratas: além de montarem as exposições físicas, terão que preocupar-se com a transposição delas para o ambiente digital (o que consome um parcela significativa do já diminuto orçamento).

Como ficam as famosas residências artísticas com as restrições de viagem ainda vigentes? Bate-papos via *Zoom* entre artistas de diferentes regiões não podem ser chamados de residência. Por que pagar para artistas viajarem para apresentações de trabalho quando é possível que eles apenas enviem um vídeo com palavras de gratidão à instituição promotora do evento?

Que os e as artistas-burocratas possam transformar todas essas dificuldades em impulsos criativos, comprovando que a arte jamais irá deixar de fazer parte da sociedade.

Referências Bibliográficas

CAUQUELIN, Ana. **Arte contemporânea – uma introdução**. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

KWON, Miwon. **One place after another**. MIT Press: Massachusetts, 2002.